POESIA OU DINHEIRO?

DRAMA EM 2 ACTOS

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

2.ª EDIÇÃO.



PORTO:
EM CASA DE CRUZ COUTINHO — EDITOR,
Rua dos Caldeireiros n.os 18 e 20.

1862.

PORTO — TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA,
Rua da Cancella Velha n.° 62.

DEDICATORIA.

Minha verdadeira amiga.

Henriqueta será um esboço d'aquella grande imagem que phantasiamos?

Ha n'esse typo o colorido de triste poesia que v. exc.ª lhe deu?

Decorei eu, por ventura, algumas das palavras que os seus labios proferiram n'um momento de dôr, expansivo em eloquentes queixumes contra o destino, sem responsabilisar a sociedade que faz os infelizes?

Se de tudo isso ha, no meu rapido trabalho, um pouco, esse pouco, offerta pobre, mas rica de tudo que tenho na alma, pertence a v. exc.ª

Camillo Castello-Branco.

PERSONAGENS.

D. Henriqueta.

D. Sophia.

Bernardo Rodrigues, marido de D. Sophia.

Manoel Alves, brazileiro.

Julio Correia, litterato.

Carlos de Meirelles, irmão de Henriqueta.

Um creado.

POESIA OU DINHEIRO?

ACTO I.

SCENA I.

D. HENRIQUETA, *sentada a uma mesa, e acabando de escrever. Ergue-se com enthusiasmo, como revendo-se no que acaba de escrever.*

HENRIQUETA.

É a mais querida das minhas poesias!... Veio-me do coração, tão sentida, tão pura como a fragrancia de uma flôr... É d'elle, é de Julio, consagrei-lh'a, ha-de passar-lhe dos meus labios aos seus, n'um beijo casto, abrasado... mas abrasado d'aquelle ardente fogo das vestaes...

SCENA II.

HENRIQUETA *e* SOPHIA.

SOPHIA (*fóra*).

Henriqueta... permittes?

HENRIQUETA.

Entra, menina. (*Beijam-se*). Vens tão linda!... Teu marido, não veio?

SOPHIA.

É ociosa a pergunta: meu marido não me acompanha nunca. E eu (*tirando o chapéo, que Henriqueta recebe*) sinceramente te digo que me não escandaliso muito com a sua repugnancia em acompanhar-me. Agora foi elle, a bordo do *Duque do Porto*, convidar um brazileiro, chegado no barco da carreira... Que importunos hospedes vou ter! dous brazileiros!... Não era bastante o Manoel Alves?

HENRIQUETA.

Era!... que monstro de insipidez!... que selvagem de casaca!... É triste cousa! Teu marido tem negação para adquirir relações dignas de ti!...

SOPHIA.

De certo!... Obrigada a respirar uma atmosphera que não é a minha, parece que sinto enervar-se-me o coração á mingoa de alimento proprio. O meu ideal era o impalpavel, o que se não vê no mundo; e o ideal de meu marido é tudo que se vê, e que se palpa!... Não podemos sustentar o equilibrio de maneira nenhuma... Somos irreconciliaveis... Fallemos de ti... Que fazes, Henriqueta? Escreveste alguma nova delicia?

HENRIQUETA.

Escrevi... agora mesmo, um improviso do coração...

SOPHIA.

Lês?

HENRIQUETA.

A ti, leio: leio porque me comprehendes, porque, tens a chave dos segredos da minha alma, porque me animas a sahir da vida materialissima em que o nosso sexo desvirtua as mais bellas aspirações do coração de mulher... Não me achas hoje tão sensivel, tão Virginia, tão enternecida?

SOPHIA.

Muito... és sempre uma inspirada... És a Sapho mimosa dos nossos tempos... Recita...

HENRIQUETA (*recita*).

Minha alma só se humilha
Á grandeza do talento,
Minha aspiração é filha
D'elevado pensamento.

Cá do mundo a magestade
Não fascina os olhos meus...
Julio, a par da Divindade,
Julio, só, depois de Deus.

Sou idolatra do genio,
Sei cuspir no ouro vil;
Que este mundo é vil proscenio
Onde a fronte ergue o reptil.

Mas do mundo a magestade
Não fascina os olhos meus...
Julio, a par da Divindade,
Julio, só, depois de Deus.

SOPHIA.

Que linda!... repete, Henriqueta!

(*Carlos, sem ser presentido, está na sala ouvindo a poesia*).

SCENA III.

Os mesmos e CARLOS.

CARLOS.

Isso, em verso, é muito bonito; mas na vida real e prosaica perde todo o merecimento!

HENRIQUETA.

Ai! o mano esteve ouvindo!... Não gosto de emboscadas...

CARLOS (*apertando a mão de Sophia*).

Minha cara senhora, como passou?

SOPHIA.

Bem... Gostou da poesia de Henriqueta?

CARLOS.

Esta minha mana é uma grande poetisa: tem muito coração, mas a cabeça é muito pequena. Uma grande cabeça nunca faz disforme um bello corpo...

HENRIQUETA.

Principia o mano com o seu estilo dogmatico... É um prazer escutar as maximas judiciosas d'este grande extravagante... Diga lá, Carlos, repita a segunda parte do sermão que hontem principiou; mas não empregue textos latinos, que eu não sei latim...

SOPHIA.

Como estás ironica, Henriqueta!...

CARLOS.

Em compensação, vou ser muito serio...

HENRIQUETA.

Pois sim, mano; mas dá-me licença que eu vá ao meu quarto? Vi entrar agora a minha costureira... Converse com Sophia, que eu volto já. (*Sahe*).

SCENA IV.

CARLOS *e* SOPHIA.

CARLOS.

Sophia, é necessario que me auxilies n'uma empreza difficultosa... Preciso hoje mais que nunca recorrer ao teu amor...

SOPHIA.

Que queres de mim, Carlos?

CARLOS.

Um sacrificio das tuas idêas a respeito do casamento...

SOPHIA.

Das minhas idêas?!

CARLOS.

Sim... Tu tens dito que é mil vezes desgraçada a mulher que se faz victima do ouro d'um homem que detesta...

SOPHIA.

E direi sempre... O que eu tenho sido para ti, Carlos, é uma prova de que é muitas vezes um casamento forçado que despenha uma mulher da sua dignidade...

CARLOS.

Pois, sim, concordemos em these: mas se descermos á realidade da vida, verás que a pobreza é o supremo dos infortunios... As tuas theorias são excellentes n'um romance, n'uma comedia, mas falham completamente no uso social. Minha irmã aprendeu de ti essa louca independencia do talento, como ella lhe chama. Quem lhe tem divinisado o orgulho és tu... Quem lhe applaude a inconveniente paixão que ella tem por Julio és tu...

SOPHIA.

Eu?!

CARLOS.

Sim, tu, com as tuas vaporosas idealidades, com as tuas lamurias piegas sobre a sorte que te destinou um marido material... É preciso que tu destruas o mal que tens feito...

SOPHIA.

De que modo?

CARLOS.

Capacitando-a de que deve casar-se com o brazileiro, teu hospede...

SOPHIA.

Isso nunca, porque a amo muito a ella por amor de ti, e não a quero vêr desgraçada como me vejo.

CARLOS.

É por amor de mim que a amas a ella, Sophia?

SOPHIA.

É... duvidas?

CARLOS.

Duvido, se m'o não provas d'uma maneira, que me salve, augmentando o direito que tens á minha gratidão... Escuta-me e depressa, antes que ella venha. Eu estou arruinado. A minha legitima consumi-a em prodigalidades. A legitima de Henriqueta foi envolvida na minha. A decencia que sustento é uma hypocrisia: tenho-me valido de expedientes astuciosos, que serão brevemente descobertos, e eu deshonrado para sempre.

SOPHIA.

Santo Deus!

CARLOS.

Queres a deshonra do homem que amas, Sophia?

SOPHIA.

Não, não, antes a minha morte, se com a vida não posso salvar-te...

CARLOS.

Comprehendeste-me!... É preciso que convenças minha irmã de que deve casar-se com Manoel Alves...

Esse grande sacrificio do teu amor, Sophia... Ella ahi vem...

SCENA V.

Os mesmos e HENRIQUETA.

HENRIQUETA (*com um vestido de sêda na mão*).

Ora vê tu que desapontamento! Esperava este vestido para o theatro d'hoje; e trazem-m'o com a cintura aqui em cima! A minha vontade era rasgal-o... (*Torna para dentro da scena, arremessando-o*). Pegue lá...Diga á sua mestra que as minhas creadas vestem com mais elegancia. (*Vem sentar-se, e pega n'um livro, colericamente*).

SOPHIA.

Não te afflijas, menina. Tens muitos vestidos...

HENRIQUETA.

Isso, muitos!... são todos vistos... Vai vêr a D. Candida se leva ámanhã ao theatro um vestido conhecido!...

CARLOS.

Lembre-se, Henriqueta, que a D. Candida tem vinte mil cruzados de renda... Póde usar sete vestidos em cada semana...

HENRIQUETA.

E a D. Maria das Neves? tambem tem vinte mil cruzados de renda?

CARLOS.

Essa nasceu pobre, mas tem um marido com cem contos de reis...

HENRIQUETA.

E cem annos de idade... Que marido!...

CARLOS.

Isso é uma questão á parte...

HENRIQUETA.

Pois o que eu não quero é questões... Olha, Sophia, já lêste a Mocidade de D. João V?

SOPHIA.

Não, menina.

HENRIQUETA.

Ai! não!... estás muito pouco em dia com a litteratura...

CARLOS.

Deixemos a litteratura por um momento... Attenda-me, Henriqueta...

HENRIQUETA.

Ah! é verdade... já me esquecia que tinhamos prelecção moral, em alto estilo... Diga lá, mano.

CARLOS.

Seriedade... O seu namoro com Julio Corrêa deve acabar...

HENRIQUETA.

Eu não creio que o mano me falle seriamente!...

CARLOS.

Tanto quanto é possivel. Deve acabar, porque esse homem tem a fortuna de todos os homens de talento em Portugal: é pobre...

HENRIQUETA.

Mas...

CARLOS.

Não me interrompa. O homem de genio associa á sua pobreza necessidades, ambições, e desejos que só o ouro satisfaz. A sua pobreza, portanto, fal-o-ha duas vezes desgraçado...

HENRIQUETA.

Posso fallar?

CARLOS.

Ainda não... Julio Corrêa é pobre, e Henriqueta não é mais rica do que elle. Agora falle.

HENRIQUETA.

Se eu fosse rica amaria Julio Corrêa, pobre; se elle fosse rico, antes de lhe dar minha alma, obrigal-o-hia a reduzir a cinzas toda a sua fortuna... Não tenho mais que lhe diga, mano. A minha resolução é esta: se me não defino bem, a culpa não é minha: é das palavras que não exprimem cabalmente as idêas...

CARLOS.

Até aqui fallou o amigo; agora falla o irmão: Henriqueta não tem pai, nem mãi: eu tomo desde este momento sobre mim a responsabilidade de a admoestar nas suas loucuras....

HENRIQUETA.

Eis aqui um ar grave que me faz rir... Noto o teu silencio n'esta questão, Sophia! (*Sophia abaixa os olhos*) Que dizes tu ás exigencias de meu mano? Encolhes os hombros!... E' admiravel!... Costumas fallar com tanto ardor n'esta questão dos casamentos violentados...

SOPHIA.

Ha circumstancias, menina...

HENRIQUETA.

Ha circumstancias!... (*com ironia*) Excellente resposta!...

CARLOS.

Henriqueta, repare no que lhe digo: Julio é indifferente á sua resolução. (*Retirando-se: ao ouvido de Sophia*) Agora tu, minha querida amiga. (*Sahe*).

SCENA VI.

HENRIQUETA *e* SOPHIA.

HENRIQUETA.

JULIO *é indifferente á minha resolução!*... Será?!... É mentira!... E não será!... (*lendo no « Bardo » com distração*).

« Em noite de estio uma pobre donzella
Doente, sem forças, penava d'amor;
Perdera o amante: bem triste era ella
            Assim n'essa dôr! » (¹)

SOPHIA.

Isso que é?

(¹) Poesia do snr. S. Ribeiro.

HENRIQUETA.

É o *Bardo*... (*depõe-o com fastio; senta-se com ares de aborrecida*). Ai! que vida a minha... O espirito a luctar com a materia sente-se fraquear... mas eu... não succumbirei...

SOPHIA (*com muito mimo*).

Ninguem lucta comtigo, minha cara Henriqueta...

HENRIQUETA.

Mais ainda?! Até tu me desamparaste...

SOPHIA.

Eu não te desamparo, minha amiga...

HENRIQUETA.

Tu!... que tanto me animavas esta paixão por Julio... Parecias tão decidida protectora d'elle, que tem contra si a sociedade toda, porque é pobre... meu Deus... isto é uma vergonha dizel-o... mas a sociedade hostilisa Julio, porque elle é pobre... porque o seu talento é um thesouro que se não reduz a dinheiro!... (*Leva um lenço aos olhos*).

SOPHIA.

Henriqueta... tu és injusta... Deixas-me fallar-te com toda a sinceridade da minha alma?

HENRIQUETA.

Que pergunta!... Impostura é que eu não quero em ti!...

SOPHIA.

Olha, filha... o mundo está pessimamente organisado... O dinheiro é tudo...

HENRIQUETA.

Que linguagem na tua bocca!... em ti... Sophia!

SOPHIA.

Em mim, sim, em mim, experimentada pelo infortunio... As dedicações generosas do coração não são indemnisadas por cousa nenhuma, se o contentamento intimo as não indemnisa... Casar pobre, minha amiga, é uma virtude aos olhos de quem casa, em quanto a paixão, que nos lisongeia, não arrefece. O amor consome-se na sua propria lavareda... a reflexão torna á antiga

friesa dos seus calculos, o prisma quebra-se, e o arrependimento atira-nos ao chão uma a uma todas as bellezas do nosso trabalho de tantos sonhos felizes... Aqui tens o que é o casamento pobre, o casamento de paixão...

HENRIQUETA.

Espera, Sophia... Eu desconheço-te!... Como se póde assim transfigurar uma mulher, que não está cançada de representar differentes papeis na sociedade!

SOPHIA.

Transfigura-se, quando as circumstancias a transfiguram... Eu julguei-te até hoje com um patrimonio, e, ha instantes, soube que és pobre....

HENRIQUETA.

Pobre!... que é ser pobre, quando se tem um coração rico de tudo que é nobre, grande, e generoso?

SOPHIA.

Ser pobre... é querer um camarote no theatro, e não o ter: querer um, dous, trinta vestidos, e não os possuir: querer uma carruagem para rivalisar com as das nossas amigas que nos salpicam de lama, e não a ter, por uma razão muito natural, porque ha uma entidade chamada dinheiro que predomina todos os gosos da materia, e vale mais que as mais bellas concepções do espirito... Sabes o que é ser pobre?

HENRIQUETA.

E eu estou nas circumstancias de não ter um theatro, nem um vestido, nem uma carruagem?

SOPHIA.

Estás.

HENRIQUETA.

Estou! por consequencia, meu mano dissipou o meu patrimonio, a herança de meus paes, e declara-se hoje o responsavel pelos meus actos! Oh meu Deus! que motivos obrigam meu mano a ser honrado agora! (*Senta-se, e descahe a cabeça na mão*).

SOPHIA.

Henriqueta... não és minha inimiga?...

UM CREADO (*annunciando*).

O snr. Julio Corrêa.

HENRIQUETA (*estremecendo, e levantando-se*).

Que entre... Não tenho coragem para receber-lhe a visita... Diz-lhe que estou incommodada... E estou!... não poderia ouvil-o sem lagrimas... (*Sahe*).

SOPHIA.

A que se vê obrigada uma mulher na minha posição!...

SCENA VII.

JULIO *e* SOPHIA.

JULIO, *todo vestido de preto: ar sempre triste ou ironico.*

JULIO.

Minha senhora!... Já tive hoje o prazer de comprimentar seu marido, o snr. Manoel Alves seu hospede, e o snr. Carlos.

SOPHIA.

Encontrou-os?

JULIO.

Agora mesmo na rua de Santo Antonio. Disseram que brevemente aqui estariam. A snr.ª D. Henriqueta?

SOPHIA.

Está incommodada.

JULIO.

E encarregou v. exc.ª de me vir fazer sala?

SOPHIA.

E' verdade.

JULIO.

Não devo (*erguendo-se*) portanto abusar da sua delicadesa. Retiro-me, se me dá licença, e insto a sua bondade para fazer os meus comprimentos á sua amiga...

SOPHIA.

Queira demorar-se snr. Julio...

JULIO.

Ás suas ordens, minha senhora.

SOPHIA.

Preciso fallar-lhe a difficil linguagem d'uma verdadeira amiga.

JULIO.

A linguagem da amisade é a mais facil de todas: queira dizer minha senhora.

SOPHIA.

O seu amor por Henriqueta é tão violento que não admitta reflexões?

JULIO.

O meu amor por Henriqueta é um grande amor; mas, na minha idade, aos trinta annos, não ha amor que não receba com docilidade as reflexões, particularmente feitas por pessoa de tanto juizo como v. exc.ª Queira honrar-me com as suas reflexões, minha senhora.

SOPHIA.

Sabe que Henriqueta é pobre?

JULIO.

Não perguntei nunca se era rica; mas acredito que seja pobre.

SOPHIA.

Porque o acredita?

JULIO.

Custa muito a sinceridade: por dous motivos: primeiro se fosse rica não teria tempo de explorar as riquezas do talento, que lhe admiro, e do talento que ella acolheu como confidente do seu. Segundo; Carlos tem dissipado uma fortuna maior que a sua. Creio que respondi, minha senhora.

SOPHIA.

Convém-lhe este casamento?

JULIO.

A pergunta não parece sua, minha senhora, ou pelo menos não devia ser-me feita a mim. Pergunta-me se me *convem!* A palavra *conveniencia* tem sido sempre uma injuria ás minhas ambições.

SOPHIA.

Ambições de poeta...

JULIO.

De poeta, sim, se v. exc.ª o quer. Precisemos as nossas perguntas e respostas, minha senhora. A sua

amiga encarregou-a de me dar algum recado? (*Silencio*). V. exc.ª não responde? (*com sobresalto*).

SOPHIA.

A minha amiga... (*Silencio*).

JULIO.

Sim... a sua amiga... (*Silencio*). Então snr.ª D. Sophia!

SOPHIA.

Não está nas circumstancias de ser sua esposa... (*Julio ergue-se de improviso, emprega esforços para serenar-se, e deixa fugir um ligeiro sorriso*).

JULIO (*calçando a luva*).

Tenho comprehendido tudo... Cumpriu a sua commissão, minha senhora?

SOPHIA.

Eu não quero que se retire com esse sorriso... Tem paciencia d'ouvir-me cinco minutos mais?... queira sentar-se...

JULIO.

Porque não, minha senhora?

SOPHIA.

Creia que é adorado por Henriqueta quanto póde ser adorado Deus pelos anjos...

JULIO.

E' justamente o que ella me tem dito muitas vezes... e, se me não engano, vejo aqui em verso a prova d'esse pensamento... (*Toma de cima da mesa a poesia e lê, com ironia*).

Cá do mundo a magestade
Não fascina os olhos meus;
Julio, a par da Divindade,
Julio, só, depois de Deus.

Isto (*sorrindo*) é verdadeiramente tocante, minha querida senhora... Queira v. exc.ª continuar. (*Em quanto ella falla, elle, como distrahido, vai partindo em bocados a poesia*).

SOPHIA.

A' parte as suas ironias, convença-se de que é amado. Henriqueta é sua para toda a vida. Póde escravisar-se a um homem que lhe dê o prestigio do ouro, mas o seu coração será livre ou escravo de...

JULIO.

De mim?... (*ri-se*) Quer v. exc.ª dizer que Henriqueta casada terá livre o coração da Henriqueta solteira... (*Silencio*). Devo acreditar que v. exc.ª n'este momento se esqueceu de que é uma senhora casada... E a prova é que a vejo córar!... Queira dizer-me: a ultima reflexão que me fez foi-lhe inspirada por Henriqueta?

SOPHIA.

Não, snr. Julio... Fui inconsideradamente sincera com v. s.ª

JULIO.

Eis ahi um nobre arrependimento... Vejo que fez justiça a ella, e a mim... Contou com o meu cynismo ou com a innocencia d'ella?

SOPHIA.

E' que eu suppuz que v. s.ª amava Henriqueta, sem querer infelicital-a...

JULIO.

E acha que se enganou?! (*ri-se*) Estamos todos muito desmoralisados, minha senhora... V. exc.ª faz-me uma graça? Quem é o marido que se destina á sua amiga? E' o seu hospede, que tem duzentos contos?... Eu sei-o já: a pergunta é banal...

SOPHIA.

Sabe-o?! dito por quem?

JULIO.

Pelo snr. Carlos de Meirelles, (*sorrindo*) confidente muito valido de v. exc.ª, e o mais apto para o saber.

SOPHIA.

Quando lh'o disse?

JULIO.

Ha um quarto d'hora; já vê v. exc.ª que o mais

que fez foi commentar por largo as curtas palavras de Carlos... Encarregou-a elle da explicação?

SOPHIA (*resentida*).

Essa pergunta, cavalheiro!

JULIO.

Não é cavalheira? V. exc.ª ha-de emprestar-me um compendio de civilidade, sim? (*Ouvem-se vozes*).

SOPHIA.

São elles que chegam.

SCENA VIII.

SOPHIA, MANOEL ALVES, JULIO CORREIA, CARLOS DE MEIRELLES, E BERNARDO RODRIGUES. JULIO *vai apertar a mão aos que entram, menos a* CARLOS.

BERNARDO (*para Sophia*).

Ainda cá estás, Sophia?

SOPHIA.

Ainda: tenho-me demorado a conversar com Henriqueta, e com o snr. Julio Corrêa.

MANOEL ALVES.

Então este senhor dizem-me que faz versos muito bonitos?

BERNARDO.

É poeta d'uma vez.

MANOEL ALVES.

É uma bonita prenda. Eu quando era rapaz tambem tinha a mania dos sonetos, e fiz um bom par d'elles. Então estudava eu para padre; mas ahi por causa d'uns amoricos, tive de dar á perna para o Brazil, e não me correu mal o negocio. Lá deixei-me de sonetos, e de latim. Atirei-me a trabalhar, e acho que não fiz mal.

BERNARDO.

Fez o snr. commendador muito bem. Cá po'las letras não se levanta casa de sobrado, não é isso, snr. Julio?

JULIO.

É isso, snr. Bernardo.

BERNARDO.

Melhor lhe fôra que seu pai o tivesse mandado em pequeno ganhar a vida lá por esses mundos, não digo bem, snr. Julio?

JULIO.

Diz bem, snr. Bernardo. (*Carlos tem empregado o intervallo, conversando com Sophia*).

BERNARDO.

Então onde está sua mana, snr. Carlos?

CARLOS.

Eu vou chamal-a... Penso que está um pouco incommodada, mas ha-de vir. (*Sahe*).

MANOEL ALVES.

Aquillo ha-de ser dôr de enchaqueca, que andam por ahi muitas.

BERNARDO.

Ha-de ser, ha-de ser. (*Conversam por acenos*).

SOPHIA (*á parte a Julio*).

Pelo amor de Deus, muita prudencia.

JULIO (*sorrindo*).

Que degradação de caracter! (*olha-a com despreso*).

MANOEL ALVES (*para Julio*).

O senhor porque não vai até ao Brazil?... (*Julio distrahido, não responde*). Elle é môco? (*para Bernardo*). O senhor não ouve? (*pondo-lhe a mão no hombro*).

JULIO.

Eu creio que lhe não dei ainda a liberdade de me pôr a mão no hombro... O senhor fez isto por ignorancia, não é verdade?

MANOEL ALVES.

Eu cuidei que o não magoava com isso... perdoará... (*Para Bernardo, baixo*) Que tal está o bonecro de vidro. *Noli me tangere* dizia o meu mestre de latim.

SCENA IX.

Os mesmos, CARLOS, *e* HENRIQUETA.

CARLOS.

Aqui está minha mana.

MANOEL e BERNARDO.

Passou bem?

HENRIQUETA.

Agradecida: *(foge de encontrar os olhos de Julio).*

CARLOS.

Minha mana tem dias d'uma profunda melancolia.

MANOEL ALVES.

Ha-de ser o nervoso, que é o mal das senhoras: lá para o tempo, os banhos do mar curam tudo.

BERNARDO.

Menos os flatos de minha mulher, que não ha nada que lh'os cure.

CARLOS.

Queiram sentar-se. *(Sentam-se com grutescos comprimentos Manoel e Bernardo).* O objecto que vamos tratar, posto que seja de muito intima familiaridade, não é reserva para o nosso amigo Julio Corrêa, que nos faz a honra de o ser desde muito d'esta casa. O snr. Manoel Alves pede a mão de minha mana, e eu, confiado na annuencia da sua vontade á minha, não tive duvida em annuir á proposta do meu honrado amigo o snr. Bernardo, que tomou sobre si o cuidado de realisar este feliz casamento.

MANOEL ALVES.

Pela minha parte, espero não deixar ficar mal o meu amigo.

BERNARDO.

Estou bem certo d'isso.

JULIO.

Como amigo antigo d'esta casa, honroso titulo que me concedeu o snr. Carlos, peço licença para uma pequena reflexão.

CARLOS.

Queira fallar.

MANOEL ALVES.

Essa é boa: diga o que entender...

JULIO.

O noivo respondeu como devia á declaração do snr.

Carlos: a noiva calou-se, e parece que o seu silencio póde ser de approvação ou desapprovação. Sincero amigo d'esta senhora, desejo vêl-a expansivamente eloquente n'este momento em que o seu coração deve arfar de prazer. (*Henriqueta soluça, e quer fugir da sala*).

MANOEL ALVES (*para Bernardo*).

Como se entende isto?

BERNARDO.

E' uma trapalhada...

SOPHIA (*que tem corrido com Carlos a suspender Henriqueta*).

Menina, sentes-te muito incommodada?

HENRIQUETA.

Muito... não me matem por piedade...

JULIO.

A minha reflexão afflige-a, minha senhora? Desculpe-me pela innocencia com que a fiz... Eu pedia-lhe o favor de remediar a minha imprudencia, vindo sentar-se na sua cadeira...

CARLOS (*para Julio a meia voz*).

A prudencia recommendo-lh'a eu, cavalheiro...

JULIO (*sorrindo*).

Gostei da entonação dramatica!

SOPHIA (*para Henriqueta, já sentada*).

Passou o incommodo?

HENRIQUETA.

Ha-de... passar... Isto da existencia é uma noite, sem amanhecer.

MANOEL ALVES.

Que disse ella? (*para Bernardo*).

BERNARDO.

São lá palavras romanticas...

JULIO.

Parece que vamos todos cahindo n'um silencio profundo!... E' necessario, como se diz em phrase vulgar, que alguem faça as despezas de conversação. Serei eu, supposto que entre todos o mais pobre d'eloquencia. Encarrego-me, pois, de fazer o elogio do casamento, que se planisa. Esta senhora (*indicando Henriqueta*) é uma

lma, com todo o viço das illusões, frescura de desejos, orida em plena primavera, concentrando no coração o roma de todas as flôres. Vai casar-se, porque a sua lma sonhou um bello ideal, e este bello ideal é o snr. Ianoel Alves, brazileiro rico, com cincoenta annos de lade, e um coração tão cheio de seducções como a sua gibeira de libras para saciar as ancias d'amor d'esta llieta. O Romeu é aquelle senhor! (*ri-se*). Ninguem ie acompanha n'esta risada?

CARLOS.

Essa risada é um insulto, senhor.

JULIO.

A quem?

CARLOS.

A esta senhora. (*Indicando a irmã*).

JULIO.

Insultei-a, snr.ª D. Henriqueta?...

HENRIQUETA.

Não, me insultou... matou-me!...

JULIO.

Matei-a! (*ironia*) Morre-se assim de vergonha, ou e raiva?

CARLOS. (*Todos em pé — Henriqueta nos braços de Sophia*).

Nem mais uma palavra, snr. Julio!

JULIO.

Ha-de soffrer-me a seu e a meu pesar algumas mais. .té aqui fallou o philosopho... agora falla o propheta. uero vaticinar o futuro d'este casamento.

CARLOS.

Que tem o senhor com o futuro d'este casamento?

JULIO.

O que tinham os prophetas com as ruinas das cidaes, que cahiam á sua palavra.

CARLOS.

Nada de romances, senhor!...

JULIO.

Aqui o romance é a vida real: o primeiro capitulo rincipia n'este momento: a prophecia realisa-se depois...

CARLOS.

Qual prophecia?

JULIO.

Qual? Esta mulher, (*indicando Henriqueta*) depois de esposa, será como aquella que a tem nos braços.

SOPHIA (*baixo*).

Meu Deus!

JULIO.

Aquelle homem (*apontando Manoel Alves*) depois de marido, será como aquelle (*apontando Bernardo*) que o trouxe aqui, com tanto que a sua mulher appareça um homem como o senhor! (*apontando Carlos*).

CARLOS (*arremessa-lhe uma luva*).

Ahi tem, senhor!

JULIO (*pondo-lhe um pé em cima*).

Se é uma affronta, bem vê que a calco! Essa luva só póde ser erguida por mão tão infame como aquella que a arremessou... (*Silencio*). Este silencio é vergonhoso para todos nós!... Miseraveis! haveis de confessar que o talento tem uma grande superioridade sobre o ouro! Vêdes qual ella é? É isto! sou eu que me levanto debaixo dos vossos calcanhares, e posso dizer-vos: « não dava pela vossa fortuna este instante da minha vida! » (*Toma Henriqueta pelo braço e aproxima-a do brazileiro*) Ahi a tem! é digna de si!

HENRIQUETA.

Não! nunca! tua, tua, Julio, por toda a vida...

JULIO.

Minha!...(*rindo*) Se por um diabolico milagre a sua existencia estivesse ligada á minha, senhora, creia que essa posse me custaria um suicidio...

HENRIQUETA (*erguida com impeto*).

Eu tenho orgulho, senhor!...

JULIO (*sorrindo*).

O orgulho comprado pela infamia! (*Carlos tira um punhal em acção de arremetter*).

SOPHIA (*segurando-lhe o braço*).

Snr. Carlos!

HENRIQUETA (*o mesmo*).

Oh Carlos!

BERNARDO (*segurando-o*).

Snr. Carlos!

JULIO (*impassivel*).

É justamente a arma que lhe fica bem, cavalheiro!... is aqui uma grande scena! Todos se agitaram... me-os o homem de barro!... A impassibilidade estupida o dinheiro está alli!... Verdadeiramente feliz é só uelle! (*apontando Manoel Alves, que faz um signal firmativo*).

FIM DO 1.° ACTO.

ACTO II.

SCENA I.

SOPHIA, *e* CARLOS.

SOPHIA *sentada, triste, n'um sophá* — CARLOS *defronte, meditativo.*

SOPHIA.

Eu tinha previsto esta desgraça... Disse-t'a, prophetisei-t'a, Carlos, e tu... chamaste-me mulher, e foste por diante nas tuas imprudentes ambições... O resultado é este... Um divorcio no fim de seis mezes, e um cadaver, talvez, antes de sete...

CARLOS.

Melhoras a situação em que nos achamos, avivandome pesares, que excedem as forças da minha alma?

SOPHIA.

Não, eu bem sei que não; mas o responsavel de tantos infortunios és tu... (*Erguendo-se*) Maldito ouro! quantas desgraças por tua causa!...

CARLOS.

Maldita sociedade!... Malditas condições impostas ao homem que quer passar por ella com a face erguida, fazendo galla do escandalo...

SOPHIA.

Cala-te, Carlos, que vem ahi tua mana.

SCENA II.

HENRIQUETA *desfigurada — como no fim de uma tisica — e os mesmos.*

SOPHIA (*hindo encontral-a*).

Sempre te ergueste um bocadinho?

HENRIQUETA.

Sim... vi as flôres, pareceu-me tão lindo o ar, e o céo tão sereno, que não pude resistir... O mano está tão triste... que tem?

CARLOS.

Nada, minha cara Henriqueta... Tenho pena de ti... e de mim... e de todos os que figuram n'esta triste historia.

HENRIQUETA.

Não, Carlos, de mim não tenha pena. Agora o que me dóe é o corpo... esta dissolução lenta é muito dolorosa... mas do espirito... sinto-me boa. E tu, Sophia, tens passado tão más noites ao pé de mim!... Coitadinha... Eu bem sabia que tu eras muito minha amiga... Deixaste o Porto, e a sociedade, e a tua casa, e teus filhinhos para assistires a esta demorada tisica... Não chores, menina...

CARLOS.

Henriqueta, eu não perdi as esperanças...

HENRIQUETA.

De que, mano?

CARLOS.

De te restituirmos a saude...

HENRIQUETA.

Deus o queira, que eu não desejo a morte... Esta solidão deve ser encantadora; mas, assim doente, não tenho prazer em nada... Retira-se, Carlos?

CARLOS.

Eu volto já...

HENRIQUETA.

Pois sim, não se demore muito, que eu preciso fallar-lhe, não?

CARLOS.

Voltarei, mana. (*Sahe*).

SCENA III.

HENRIQUETA, *e* SOPHIA.

HENRIQUETA (*abraçando-a*).

Que me querias tu hontem dizer, Sophia? Eu não pude ouvir-te; estava tão afflicta... Depois, lembrei-me se te magoarias com o meu modo grosseiro... A doença faz a gente rude... Que era?...

SOPHIA.

Deverei eu dizert'o?

HENRIQUETA.

Que poderás tu dizer-me que eu não possa ouvir?

SOPHIA.

Não me criminas?

HENRIQUETA.

De que? Fizeste-me algum mal?

SOPHIA.

O mal que eu te fiz já m'o perdoaste... Mas o mal que eu te posso fazer...

HENRIQUETA.

Perdoar-t'o-hei, se fôr um mal... Diz... afflige-me ainda mais a duvida...

SOPHIA.

Tu tens ignorado muitas cousas... Julio Corrêa...

HENRIQUETA (*vivamente sobresaltada*).

Jesus! a que vem esse nome aqui!...

SOPHIA.

Não t'o disse eu! Afflijo-te!... Não devo fallar n'elle?

HENRIQUETA (*sorrindo*).

Porque não? Já agora, que tenho eu a ganhar ou a perder?... Falla...

SOPHIA.

Julio Corrêa não é mais feliz que tu...

HENRIQUETA.

Isso sabia-o eu, sem que ninguem m'o dissesse... Aquelle homem nasceu debaixo d'uma estrella infeliz como a minha... Eu sabia que seriamos ambos desgraçados...

SOPHIA.

E muito, porque te ama como te amou, e além do amor, sente o remorso de te haver humilhado...

HENRIQUETA.

Ai!... elle não me humilhou... Fui eu que me aviltei... Que não tenha remorso... eu não vou d'este mundo com odios no coração...

SOPHIA.

Ainda o amas, Henriqueta?

HENRIQUETA.

Se o amo!... que pergunta!... Amo-o como te amo a ti, como a meu irmão, como a meu marido, como a qualquer pessoa que concorresse mais ou menos para o meu infortunio...

SOPHIA.

Não o amas, é o que queres dizer.

HENRIQUETA.

Pois concebes que eu possa ainda ter coração, Sophia!... Não tens visto como elle se desfaz em lagrimas, ha sete mezes!... Não tens tu sido a testemunha d'este morrer d'um desejo em cada hora!... Posso eu amar... e amar uma sociedade em cujo seio encontrei a morte, e em nome da qual me impozeram a violencia do suicidio...

SOPHIA.

Essas palavras são uma accusação que me fazes...

HENRIQUETA.

Não são... Deus me livre de te magoar... Eu fallo do mundo, não é de ninguem... E' d'este mixto de infortunios que nos vem d'um poder invisivel... Não sei o que é... sei que me reduziram á friesa d'um cadaver... Quando meu marido me disse que não tinha casado com uma estatua, tive compaixão d'elle... e de mim. Quando me offereceu um amigavel divorcio, aceitei-o porque o reputei mais feliz sem mim. Quando me vi d'este modo despedida como mulher inutil para aquelle bom homem que tão cara me comprou, deixa-me dizer-te, Sophia, nem o meu amor proprio soffreu... E' que eu já estava morta... E quando o amor proprio se gela, minha amiga, o coração já tem arrefecido para todas as impressões... Queres que te diga o que sinto por Julio? Um desejo, um só desejo em bem d'elle: queria que elle fosse mais feliz do que muitos que o não merecem tanto... Ainda tenho outro, em meu bem, mas esse... não devo dizer-t'o...

SOPHIA.

Diz... diz, minha Henriqueta.

HENRIQUETA.

Basta que eu diga que não devo dizert'o.

SOPHIA.

Não me dás como já déste o mais secreto da tua alma... Tambem para mim arrefeceu o teu coração... Eu dei a causa...

HENRIQUETA.

Ahi vem o mano... has-de retirar-te que eu preciso fallar-lhe... sim?

SCENA IV.

CARLOS (*para Sophia*).

Retira-se, minha senhora?

SOPHIA.

Não, senhor... Volto logo...

CARLOS (*ao ouvido*).

Não me deixes muito tempo só com ella. (*Sophia sahe*).

CARLOS *e* HENRIQUETA.

CARLOS.

Como se sente, mana?

HENRIQUETA.

O mesmo... Venha cá... fallemos baixo... Não quero que a nossa boa Sophia nos escute... Não o vejo nunca tranquillo ao pé de mim, Carlos! Affligé-me! Lembre-se que eu não lhe tenho odio. Sou sua amiga, acredite que o passado foi um sonho mau de que acordei para perdoar a todos...

CARLOS.

Não póde, talvez...

HENRIQUETA.

Pois não posso? Alguma cousa Deus me dá, visto que a sociedade tudo me tirou. Deus deu-me a resignação, e converteu em benevolencia todo o amor, com que fui infelizmente dotada... Sou sua amiga... Olhe... Carlos, eu aceitei esse dinheiro com que meu marido me dotou... Aceite-o, de proposito, para que elle ser-

visse a alguem... O mano não é muito feliz, e fica depois de mim em lucta com uma sociedade que lhe ha-de cuspir na face, se lhe lá vir a tristeza do pobre que não póde nivelar-se com o rico... Custa-me tanto fallar!... Mas é preciso... Em poucas palavras lhe digo tudo... Este dinheiro fica-lhe ahi, não sei aonde... o mano sabe-o... Eu deixo um testamento, já o escrevi, veja, Carlos, o que convem fazer para que elle seja valido...

CARLOS (*commovido*).

Henriqueta... se eu tivesse lagrimas, teria respondido com ellas... As palavras não me sahem do coração...

HENRIQUETA.

Pois, sim, que fiquem ahi... é lá que eu as quero...

CARLOS.

Não perca as esperanças de restabelecer-se...

HENRIQUETA.

Ai! mano! eu não sou creança... Tenho bom juizo para me consultar, e a vista bem penetrante para vêr o tumulo...

CARLOS.

Henriqueta... Deixa-me fazer-lhe uma pergunta?

HENRIQUETA.

Sim... que é?

CARLOS.

Sentiria algum allivio conversando com alguma pessoa que mais cara lhe fosse?

HENRIQUETA.

Não sei bem o sentido da pergunta... mas, seja qual fôr, digo-lhe que não... não ambiciono allivios de ninguem...

CARLOS.

Quem sabe o que póde a alma influir nos padecimentos do corpo?! Talvez... um entretimento com esse nosso amigo...

HENRIQUETA (*com soberania*).

Mano!... seja tão nobre como elle... Não pronuncie o nome d'esse homem de cuja amisade não fomos

dignos... Desculpe-me... Eu vou descançar... Estou cançada de fallar... (*Sahe*).

CARLOS.

Tem sido longa a punição... Não ha cynismo que resista ao flagello vibrado na mão fraca d'uma victima, quasi extincta... Isto é o dinheiro!... Este drama de surdas agonias que aqui se passa é o ouro, é a sêde do ouro... é a vida no interior d'uma casa, que contrafaz por fóra todas as regalias do prazer!... Oh! que saudades eu tenho dos dias em que me vi pobre... e hoje pobre, tambem, mas ostentando na mascara do ouro o sorriso da impudencia...

SCENA V.

Um creado com uma carta.

CREADO.

Não está aqui a senhora?

CARLOS.

Que carta é essa?

CREADO.

Uma carta para a senhora.

CARLOS.

Deixa vêr (*reparando*). A letra é de Julio! (*Alto*) Quem trouxe isto?

CREADO.

Um homem d'estes sitios, deram-lh'a na estrada, e disse elle que a pessoa espera a resposta.

CARLOS.

Vai entregal-a á senhora, que deve estar no seu quarto. (*O creado sahe*).

CARLOS.

Aquella carta faz-me suspeitar que algumas intelligencias tem havido entre minha mana e Julio... Não é natural!... Se se amassem, o espirito de Henriqueta não teria cahido assim...

SCENA VI.

SOPHIA *e* CARLOS.

SOPHIA.

Que é de Henriqueta?

*

CARLOS.

Cuidei que estavas com ella... Vai depressa ao seu quarto, que o creado levou-lhe n'este momento uma carta de Julio...

SOPHIA.

De Julio!... como é possivel?

CARLOS.

De Julio, sim... Ora diz-me, Sophia, não suspeitas que elles se tenham correspondido?

SOPHIA.

Tenho a certeza de que não.

CARLOS.

Pois que lhe quer elle agora?

SOPHIA.

Seria uma felicidade que ella podesse amal-o...

CARLOS.

Felicidade!... para quem?

SOPHIA.

Para ella...

CARLOS.

Não sei qual... Minha irmã é uma senhora casada...

SOPHIA.

Bem o sei... Mas essa observação é um insulto que tu cospes na face d'outra mulher casada...

CARLOS.

Não foi essa a minha intenção... Tu traduzes muito á letra as minhas phrases... Eu queria dizer que minha mana...

SOPHIA.

Deve ser sempre um humilde instrumento dos teus calculos... calculos infames a que se tem cegamente prestado algumas mulheres casadas...

CARLOS.

Nada de recriminações intempestivas... Eu não te dou direito a que me ultrages, Sophia...

SOPHIA.

A tua sensibilidade é toda caprichos, Carlos... Não tenho remorsos de te magoar o pundonor...

CARLOS.

Estranho a tua linguagem!

SOPHIA.

Tem razão... Isto equivale a dizer-lhe, senhor, que minha existencia n'esta casa é um serviço a sua irmã. s nossas intelligencias deviam terminar no instante em ue me prestei a ser o autómato das suas sordidas amições de dinheiro...

CARLOS.

Não lhe ficam bem essas palavras, Sophia.

SOPHIA.

Todas as palavras ficam bem, quando a mulher as iz a um homem, que, perdido o pudor, já não sabe órar diante d'essa mulher...

O CREADO (*atravessando*).

CARLOS.

Que levas?

CREADO.

A resposta.

CARLOS.

Dá cá.

SOPHIA (*tirando a carta da mão do creado*).

Que quer?

CARLOS.

Vêr o subscripto.

SOPHIA (*lendo*).

« Ao ill.^mo^ snr. Julio Corrêa, » que mais lhe interessa?

CARLOS.

Interessa-me zelar a honra de minha irmã.

SOPHIA.

Quando a sua poder servir de modêlo a alguem... *ara o creado*) Leve essa carta ao seu destino. (*O eado sahe*).

CARLOS.

A senhora manda demasiadamente em minha casa.

SOPHIA.

Sua casa!...esta casa é sua?

CARLOS.

Duvida?... é!

SCENA VIII.

HENRIQUETA *e os mesmos.*

Não é, não, mano. E tanto não é que eu tomo a liberdade de lhe dizer que vou receber n'esta sala uma visita, e prescindo da companhia de Carlos. (*Senta-se muito desfallecida*).

CARLOS.

Eu tambem não quero de modo algum estorvar-lhe os seus prazeres, Henriqueta.

HENRIQUETA.

Os meus prazeres! (*sorrindo*). O mano conserva sempre o seu espirito folgasão!... Está brincando comigo á beira da sepultura... E' barbaro o divertimento!... Ha momentos aconselhava-me a convivencia com as pessoas que me foram caras... e depois... revolta-se contra uma minha amiga porque esta lhe impede de rasgar o sello d'uma carta!....

CARLOS.

Está enganada!...

HENRIQUETA.

Enganado está o mano... Pois não entende que meu marido me deu carta de alforria, declarando-me livre? Eu sou senhora das minhas acções... Se houvesse de cahir em abysmos de degradação, o braço do mano seria um estorvo, em que eu não faria reparo... Se me quer poupar a uma exaltação com que não posso, retire-se, Carlos.

CARLOS.

De sua casa?

HENRIQUETA.

D'esta sala, e, se lhe aprouver, de minha casa; mas vá na intelligencia que as minhas intenções a seu respeito, depois da minha morte, não mudam... Os resentimentos nobres não tem nada com o dinheiro... (*Carlos sahe*).

HENRIQUETA *e* SOPHIA.

SOPHIA.

Tu estás salivando sangue, Henriqueta!...

HENRIQUETA.

Não é nada... Tive ha pouco um ataque muito forte... Se me désses uma gota d'agua... (*Sophia chega-lhe o copo*).

SOPHIA.

Tens tanta febre, menina!

HENRIQUETA.

Terei? é possivel, porque sinto lume na cabeça... Julio vem ahi...

SOPHIA.

Vem?... Oh! Deus permitta...

HENRIQUETA.

O que?

SOPHIA.

Que elle te reanime... Talvez o amor opere um milagre...

HENRIQUETA.

De Christo no tumulo de Lazaro? O amor não póde nada... Se o não vence o dinheiro, vence-o a morte...

SOPHIA.

Elle escreveu-te... já sei... que te diz?

HENRIQUETA.

Quasi nada... pede-me alguns instantes da minha vida... Como terei poucos... oxalá que os ultimos sejam d'elle...

SOPHIA.

Mas, na exaltação em que te vejo, talvez seja arriscar a tua saude...

HENRIQUETA.

Não, minha amiga, o que eu realmente não posso arriscar é a saude... A dar-se alguma revolução em mim, deveria ser em meu bem, que... para peor, de certo não posso hir, nem creio que no meu estado se possa peorar... D'aqui á morte... é só fechar os olhos...

SCENA IX.

CREADO.

Um senhor que teve ordem de subir, espera no portão.

HENRIQUETA.

Que entre. (*Para Sophia*) Sahe por algum tempo... De certo estimarás não vêr de face um homem que te calumniou, porque não comprehendeu a tua boa alma...

SOPHIA (*beijando-a*).

De certo não... Henriqueta... (*Sahe*).

HENRIQUETA.

Ai, meu Deus!... livrai-me d'estas afflicções!... que nuvem!...

SCENA X.

HENRIQUETA *e* JULIO.

JULIO *recua, quando ao perto encara* HENRIQUETA, *que se ergue tremula, encostando-se á mesa para lhe estender a mão.* HENRIQUETA *senta-se, e quer fingir presença de espirito. A hesitação de* JULIO *é significada por monosyllabos entrecortados.*

JULIO.

Henriqueta... na presença d'esse rosto póde-se só chorar; mas as lagrimas seccaram-se-me nos olhos para sempre...

HENRIQUETA (*soluçando*).

Não... podemos... todos chorar...

JULIO.

Venho encontral-a n'um lastimavel estado... Como é possivel?... O ouro reduz o talento a esta situação?

HENRIQUETA.

Não me escarneça.

JULIO.

Escarnecel-a eu, que sinto a precisão de ajoelhar-me a seus pés...

HENRIQUETA.

Senhor!... Não me obrigue a commoções muito violentas...

JULIO.

Esta situação é horrivel... A sua presença tirou-me a palavra... Lembra-me só que tudo isto é irremediavel...

HENRIQUETA.

Irremediavel.

JULIO.

Não ha nada a esperar do amor, nem das esperanças....

HENRIQUETA.

Nada...

JULIO.

E has-de morrer, filha da minha alma! (*tomandolhe a mão com frenesi*). Eu não hei-de poder salvar-te, Henriqueta!...

HENRIQUETA.

Não.

JULIO.

Não sentes nada n'este instante que te prometta uma nova vida!... não esperas nada d'este amor, suffocado sete mezes, d'este amor que te póde restituir a felicidade que ambos nós aniquilamos...

HENRIQUETA.

E' impossivel...

JULIO.

Impossivel! Que sou eu para ti?

HENRIQUETA.

Uma reminiscencia amarga, mas, no fim da vida, um enviado de Deus...

JULIO.

E com tudo não posso salvar-te...

HENRIQUETA.

Não!... o que póde é matar-me mais depressa... E eu... faço-lhe a vontade... desejo mesmo que as minhas ultimas palavras sejam suas... Mas não o serão... Deus não quer que eu morra, escandalisando a sociedade...

JULIO.

Henriqueta, vai d'este mundo odiando-me?

HENRIQUETA.

Não... não o odeio... tenho compaixão de si...

JULIO.

Como pôde sacrificar-me?... Para que me humilhou na presença do homem infame que a não comprehendeu!

HENRIQUETA (*com dignidade*).

Quem é o homem infame? Meu marido?... Não diga tal... Se tem sido nobre, Julio, seja-o até ao fim... Meu marido, não me comprehendeu, mas não era infame.

JULIO.

Perdão!... a palavra foi imprudente...

HENRIQUETA.

Eu não o sacrifiquei... era pobre e não quiz fazel-o desgraçado... sacrifiquei-me para salvar dous que seriam infelizes comigo, podendo sêl-o eu só... Enganei-me... Deus o quiz...

JULIO.

Mas depois d'aquella lucta fatal, ha sete mezes, d'esse horrivel delirio, que nem já me recordo, eu fiz sentir á sua alma o meu remorso.

HENRIQUETA.

De que modo? insultando-me...

JULIO.

De que modo?...

HENRIQUETA.

Servindo-se d'uma minha amiga como portadora de ultrages affrontosos...

JULIO.

De Sophia?

HENRIQUETA.

Sim.

JULIO.

Isso foi uma infamia.

HENRIQUETA.

Foi... de certo...

JULIO.

Minha? não!

HENRIQUETA.

Pois de quem?

JULIO.

De seu mano, que dispõe d'essa infame mulher, associada a todas as suas torpezas...

HENRIQUETA (*afflicta*).

Falle baixo, por piedade...

JULIO.

Manda-me calar, senhora, quando me justifico?...

HENRIQUETA.

E' que eu não lhe peço justificações... Bem vê que me mata...

JULIO.

Não sou eu que a mato... E' esse homem que dissipa á sua sombra o preço do seu corpo, Henriqueta. E' esse vil que ousa vir aqui, para assistir impassivel aos seus ultimos instantes... E' esse deshonrado que me mostrou a ponta d'um punhal em sua propria casa...

HENRIQUETA.

Por compaixão, Julio!...

SCENA XI.

Os mesmos, CARLOS *e* SOPHIA.

CARLOS.

Se a deshonra está na ponta d'um punhal, mostrar-lhe-hei, cavalheiro, a bocca d'uma pistola.

HENRIQUETA.

Que vida, meu Deus!... Carlos! retire-se... Snr. Julio... snr. Julio...

SOPHIA.

Que tens, Henriqueta?...

HENRIQUETA.

Evita uma desgraça se podes... Retira d'aqui meu mano...

SOPHIA (*para Carlos*).

Saia d'aqui, por quem é!

CARLOS.

Cá fóra senhor cavalheiro, que dá diplomas de infamia... (*Sahe*).

JULIO (*sorrindo*).

Sim, lá fóra...

HENRIQUETA.

Promètta-me que não se encontrará com elle...

JULIO.

Não prometto... Hei-de procural-o em toda a parte, como quem procura o ladrão da sua honra, porque é na honra que eu tenho feito consistir a minha felicidade... Snr.ª D. Sophia! encontrou-me... desde aquelle dia...

HENRIQUETA (*pondo-lhe a mão na bocca*).

Não, não, por tudo quanto ha, Julio. Não lhe peço mais nada n'esta vida...

JULIO.

Eu estou calado, snr.ª D. Henriqueta.

HENRIQUETA.

Santo Deus! Como eu estou soffrendo!... Isto não póde assim durar muitos minutos...

JULIO.

Que situação a minha!... Oh! para que dôres o homem foi creado!

HENRIQUETA.

Snr. Julio... venha cá... bem perto de mim que a minha voz é debil... Ouça-me... eu amei-o muito... não sei se poderia amal-o mais... podia... porque n'este momento, sinto que o amo como nunca... Aprendi a impostura... Tenho-me fingido com o mundo, e comigo... Durante sete mezes, não pude roubar-lhe um minuto... Tive-o sempre, sempre no pensamento, no coração, no coração, que, por fim, estalou... morreu para resuscitar agora... Agora!... de que serve?... Ah!... serve... serve... Conduziu-o aqui a mão de Deus... Lembra-se da sua prophecia?... Não se realisou... A esposa violentada... não foi indigna de que a chore seu marido... Foi esposa violentada, mas... tambem foi martyr voluntaria!...

JULIO.

Perdoa-me, Henriqueta...

HENRIQUETA.

Perdôo... Não posso dizer-lhe mais nada... Sophia; ɔm ao meu quarto... Não pódes? Julio dê-me o seu :aço... acompanhe-me... tenha paciencia... (*Sahem*).

SCENA XII.

CARLOS *entra pela porta opposta.*

CARLOS.

E' necessaria muita desfaçatez para tanta coragem! lli está um homem que a sociedade reputa honrado na ıa pobreza! Ha-de ser-lhe caro o insulto! Estes espituosos infames é necessario corrigil-os.

SCENA XIII.

CARLOS *e* JULIO.

CARLOS (*ironico*).

Não sei se me concede licença de estar n'esta sala, ır. Julio!

JULIO.

Eu concedo-lhe tudo, menos o arbitrio sobre a miha honra... Posso agora vêr as boccas das suas pistolas?

CARLOS.

Um duello não é uma brincadeira de assassinos... rocure testemunhas...

JULIO.

Eu não sei o que são testemunhas, quando a infaıia foi praticada sem ellas... Entre nós essa formaliıde é uma cobardia...

CARLOS.

Quer chamar-me cobarde?!

JULIO.

Eu não sei o que lhe quero chamar... Siga-me, sehor!

CARLOS (*indeciso*).

Não tenho duvida nenhuma... Eu não o temo... ɔz *alta*).

JULIO.

Falle baixo, senhor, se não espera que alguma muıer venha em soccorro dos seus gritos...